

RESUMO - HELMINTOLOGIA

CONTAMINAÇÃO LARVAL POR NEMATÓDEOS GASTROINTESTINAIS EM CULTIVARES FORRAGEIROS TROPICAIS SOB SISTEMA DE IRRIGAÇÃO EM UM MUNICÍPIO DO SEMIÁRIDO BAIANO

Mauricio Dos Santos Conceição (csantos.mauricio@gmail.com)

Patricia Ramos De Oliveira (patricia.o3433@ufob.edu.br)

Marcelo Beltrão Molento (molento@ufpr.br)

Jairo Torres Magalhães Junior (jairo.magalhaes@ufob.edu.br)

A contaminação larval de pastagens (PLC) é fator crucial no estabelecimento do parasitismo por nematódeos gastrointestinais em ruminantes, impactando diretamente a sanidade e a produtividade dos sistemas de criação. Características estruturais das forrageiras podem influenciar significativamente a sobrevivência e a migração de larvas infectantes no ambiente. Objetivou-se avaliar a dinâmica de contaminação larval em diferentes cultivares forrageiros submetidos a regime de irrigação nas condições climáticas do semiárido baiano. A pesquisa foi conduzida na Fazenda Escola da UFOB, onde a contaminação das pastagens ocorreu por meio de ovinos naturalmente infectados. Foram avaliados cinco piquetes: Tamani-E (experimental) e Tamani-R (referência), além de MG4, MG13 Braúna e MG7 Tupã, em três períodos. Nos piquetes

experimentais, as coletas foram realizadas aleatoriamente aos 14, 28 e 42 dias de cada período; no Tamani-R, semanalmente ao longo de aproximadamente 90 dias. As L3 foram recuperadas pela técnica de Baermann modificada e identificadas em nível de gênero. Foram utilizados os testes de Kruskal-Wallis com post-hoc de Dunn, Friedman e Kaplan-Meier com log-rank. Observou-se diferença significativa entre os cultivares experimentais ($p < 0,001$). Apenas Tamani-E ($76,4 \pm 60,0$ L3/kg de matéria seca) e MG4 ($48,0 \pm 34,7$ L3/kg de matéria seca) apresentaram contaminação larval, sem diferença ($p > 0,05$). MG13 Braúna e MG7 Tupã não apresentaram L3, diferindo significativamente dos demais ($p < 0,05$). A sobrevivência larval foi maior em Tamani-E e MG4 ($p < 0,05$). No Tamani-E, a umidade do solo correlacionou-se negativamente com a PLC ($p < 0,05$). Nos piquetes experimentais, a pluviosidade mensal também apresentou correlação negativa ($p < 0,05$). Houve predominância de *Trichostrongylus* spp., com ocorrência esporádica de *Haemonchus* spp. No Tamani-R, a contaminação variou significativamente entre os períodos ($p < 0,05$), com maior intensidade no primeiro, redução no segundo e recuperação parcial no terceiro, coincidindo com o período chuvoso. O modelo de decaimento exponencial indicou meias-vidas larvais de 39,2 e 28,3 dias, com maior taxa de decaimento no período chuvoso, possivelmente associada à maior altura do pasto, que dificulta a migração larval e reduz a exposição à radiação solar. A ausência de larvas em MG13 Braúna e MG7 Tupã sugere que características estruturais desses cultivares podem limitar a sobrevivência larval. A escolha do cultivar mostrou-se estratégia sanitária relevante: MG13 Braúna e MG7 Tupã podem integrar sistemas de controle parasitário sem custos adicionais. As meias-vidas estimadas (28–39 dias) subsidiam protocolos regionais de rotação de piquetes, superando recomendações genéricas inadequadas ao semiárido baiano.

Palavras-chave: semiárido; controle integrado de parasitoses; ovinocaprinocultura.